

# O ESQUECIMENTO DA ANÁLISE INSTITUCIONAL E A GUINADA CULTURAL DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA (1980-2002): FRONTEIRAS ENTRE A SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E PSICOLOGIA SOCIAL

## THE FORGETTING OF THE INSTITUTIONAL ANALYSIS AND THE CULTURAL UPTURN OF BRAZILIAN SOCIOLOGY (1980-2002): BOUNDARIES AMONG SOCIOLOGY, ANTHROPOLOGY, AND SOCIAL PSYCHOLOGY

Francisco Xavier Freire Rodrigues\*

RODRIGUES, F. X. F. ESQUECIMENTO DA ANÁLISE INSTITUCIONAL E A GUINADA CULTURAL DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA (1980-2002): FRONTEIRAS ENTRE A SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E PSICOLOGIA SOCIAL. *Akrópolis*, Umuarama, v. 15, n. 3, p. 93-113, jul./set. 2007.

**RESUMO:** Análise sobre as razões e o momento histórico no qual a sociologia brasileira abandonou a análise institucional. Identifica as mudanças teórico-metodológicas que possibilitaram uma guinada cultural da sociologia nas últimas décadas e sua aproximação da psicologia social e antropologia. Aborda as relações entre o Novo Movimento Teórico e as transformações na teoria sociológica. Investiga as transformações sócio-culturais e a expansão dos estudos culturais na América Latina. Discute o processo de formação e desenvolvimento da sociologia no Brasil, enfatizando a tradição culturalista no pensamento social brasileiro. Relaciona algumas recentes mudanças no contexto político-cultural brasileiro e suas influências para o atual “esquecimento da análise institucional” na produção sociológica nacional. A recepção dos paradigmas pós-estrutural e pós-moderno no Brasil contribuiu para um movimento de antropologização da sociologia e psicologização dos estudos sócio-culturais. A sociologia brasileira perdeu a referência da análise institucional, ocupando-se especialmente com estudos microscópicos sobre identidades, imaginário e cultura, sem articulações com o contexto macro da realidade social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociologia da cultura; Sociologia brasileira; Antropologia; Psicologia social; Análise institucional.

**ABSTRACT:** Analysis on the reasons and the historical moment in which Brazilian Sociology has put the institutional analysis aside. It identifies the methodological-theoretical changes which have enabled the cultural upturn of Sociology in the past decades as well as its approaching to Social Psychology and Anthropology. It approaches the relations among the New Theoretical Movement and the transformations on the sociological theory. It investigates the socio-cultural transformations and the spread of cultural studies in Latin America. It discusses the process of formation and development of Sociology in Brazil by emphasizing the Culturalist tradition within the Brazilian social thinking. It relates some recent changes in the Brazilian political-cultural context, and their influences for the current “forgetting of the institutional analysis” with respect to the national sociological production. The reception of post-structural and post-modern paradigms in Brazil has contributed for the movement of anthropologization of Sociology and psychologization of the

\*Professor de Sociologia, Sociólogo, Mestre e Doutorando em Sociologia (UFRGS).  
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT.  
fxsociologo@yahoo.com.br  
xfrodi@hotmail.com

Recebido em Maio/2007  
Aceito em Setembro/2007

social-cultural studies. Brazilian sociology has lost the references of institutional analysis by focusing especially on microscopic studies concerning identities, the imaginary, and culture, without connections to the macro context of social reality.

**KEYWORDS:** Sociology of culture; Brazilian sociology; Anthropology; Social psychology; Institutional analysis.

## INTRODUÇÃO

As ciências sociais são, segundo a classificação de Max Weber (1979), ciências da cultura. Ciências duplamente interpretativas que analisam representações da realidade social. Neste sentido, toda a produção teórica lida permanentemente com fenômenos culturais. No entanto, uma incursão na história das ciências sociais revela-nos que os paradigmas sociológicos que dominaram a sociologia desde sua origem são aqueles preocupados com dimensões estruturais dos fenômenos sociais (GIDDENS, 1974), e aqueles voltados para a compreensão das intenções e das ações dos indivíduos.

Na América Latina predominaram, nos últimos quarenta anos, em momentos diferentes, quatro grandes alternativas teórico-metodológicas de macro-explicação sociológica do desenvolvimento: (1) Teoria da Modernização, (2) Sociologia Nacional, (3) Teoria da Dependência - Versão-Estagnacionista, e (4) Teoria da Dependência Não-Estagnacionista (LIEDKE FILHO, 1999, p. 17). De fato, no continente latino-americano, a sociologia foi influenciada pela teoria da modernização, dominante até os anos 80. Estado, classes sociais, industrialização, desenvolvimento, revoluções, golpes de Estado, política, democratização eram temas principais da sociologia. Com a crise da teoria da modernização e com a crise dos projetos políticos de modernização, a sociologia se volta para outros temas, passando por uma crise de paradigmas. É verdade que

Houve um descrédito de temas político-econômicos que até então a Sociologia vinha estudando. Essa situação de crise é consequência de um ciclo da Sociologia latino-americana que, iniciado no pós-guerra, chega, agora, ao seu fim. Esse ciclo caracterizou-se pela vigência do paradigma da modernização que marcou não só a temática, mas também o estilo e a institucionalização da disciplina (VERLINDO, 2004, p. 40).

Ianni (1975, p. 17) ao apresentar os temas da sociologia brasileira, lembra que a nossa produção sociológica no período de 1945 a 1974 esteve polarizada em torno de três grandes problemas: (1)

crise de transição da sociedade capitalista agrária à sociedade capitalista industrial; (2) reinterpretação da história social do Brasil de algumas de suas fases de grandes mudanças estruturais; (3) refere-se ao caráter da revolução burguesa no Brasil. Trata-se das investigações sobre as características das mudanças provocadas pela industrialização nas dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais. A análise sociológica nacional, seja referente ao populismo, ao golpe militar ou sobre os modelos de desenvolvimento econômico, esteve presa a um desses problemas.

Estes temas abrangem sub-temas como relações de produção, Estado e sociedade, modalidades de consciência social, imperialismo e dependência, mas não se consideravam questões como valores, cultura e superestrutura para explicar a realidade social.

É importante frisar que, com a transição democrática e a implantação do sistema democrático no Brasil, a sociologia assistiu ao deslocamento de temáticas. Os estudos acerca da dependência da primeira metade dos anos 70 foram parcialmente substituídos por estudos relativos à “reativação da sociedade civil”, movimentos sociais e redemocratização, na segunda metade da mesma década (LIEDKE FILHO, 1999, p. 17). A sociologia brasileira nos últimos anos se direcionou para o estudo do imaginário da vida social, especialmente com a chamada crise de paradigmas, ou seja, crise dos grandes modelos de interpretação totalizantes, como marxismo, positivismo, estruturalismo e funcionalismo.

As mudanças nas ciências sociais latino-americanas e brasileiras precisam ser contextualizadas. Faz-se necessário ressaltar que se percebe um novo movimento teórico presente na sociologia a partir dos anos 90, o qual permitiu aproximações da sociologia com a história, política, economia e antropologia, abrindo espaço para a emergência de novas categorias analíticas, no âmbito micro e macro da pesquisa social. O “novo movimento teórico” apontado por Alexander (1987) significa a busca pela superação de impasses e unilateralidades na sociologia, superação do dualismo micro e macro, objetivo e subjetivo, ação e estrutura, individualismo e coletivismo. Alexander destacou que o conceito de cultura permitiria reunir visões parciais em um todo coerente e seria a chave para superar estas polaridades. Deste modo, defendeu que a sociologia se tornaria cada vez mais cultural, abordando o sentido da ação e o imaginário sociais.

Este trabalho pretende analisar as razões e o momento histórico no qual a sociologia brasileira abandonou a análise institucional. Busca identificar as

mudanças teórico-metodológicas que possibilitaram uma guinada cultural da sociologia nas últimas décadas e sua aproximação da psicologia social e antropologia. Aponta os temas predominantes na produção em ciências sociais no período de 1980 a 2002 a partir de um estudo do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tomando como material empírico o catálogo de teses e dissertações. Analisa-se a abundante literatura sobre a temática. É possível explicar o avanço dos estudos do imaginário social no Brasil através da tradição culturalista que teve a nossa sociologia, bem como pela influência da sociologia norte-americana e européia, que valorizam as idéias e interpretações dos atores sociais. De fato, as tradições culturais parecem que apontam para estudos anti-positivistas e anti-deterministas.

Pode-se pensar também na “antropologização” da sociologia brasileira. Segundo este argumento, os sociólogos brasileiros estariam voltados para objetos da antropologia, entre os quais identidades, imaginário, etc. No entanto, pode-se sugerir a hipótese de que os estudos do imaginário na sociologia brasileira não são resultado da invasão da antropologia, mas da influência de tradições da sociologia norte-americana e européia, que pesquisam o imaginário e a cultura (VERLINDO, 2004).

### **O Novo movimento teórico e as transformações na teoria sociológica**

A partir dos anos 60 surgiram tentativas de reformular a sociologia diante do fracasso do funcionalismo frente ao impasse: ação *versus* estrutura. O esforço consistiu em juntar e articular as teorias da ação com as teorias da estrutura, abandonando a velha e clássica polaridade como modelo de explicação da realidade social. Tal conjunto de transformações na teoria sociológica ficou conhecido como o “novo movimento teórico” (ALEXANDER, 1987).

As razões para o advento desse movimento teórico foram (1) o clima político dos Estados Unidos e da Europa no qual os movimentos sociais se dissolveram e (2) a crise profunda do marxismo. Este perdeu legitimidade política-teórica (ALEXANDER, 1987).

Por volta dos anos 60 e 70, os fenômenos culturais passam a ser considerados fundamentais para se compreender a sociedade contemporânea. Os estudos sociológicos abordam cada vez o significado da ação social, as representações, a subjetividade dos atores sociais. As ciências sociais voltam-se para

o imaginário. Na Europa, as alterações nos rumos da teoria sociológica foram marcantes. Com relação ao caso da França, Alexander e Colomy (1992, p. 201) apontam “[...] o movimento pós-estruturalista, no qual as estruturas culturais – formações discursivas (Foucault), capital cultural (Bourdieu) e narrativas (Lyotard) – substituiriam as materiais”. As explicações materialistas foram substituídas por explicações subjetivistas.

A fenomenologia e a hermenêutica são as bases teóricas dos estudos sociológicos contemporâneos sobre os imaginários, críticos em relação aos paradigmas positivistas, objetivistas. Pode-se considerar que

O resgate dessa tradição cultural é parte de uma ampla reação contra as explicações causais e contra a dialética, que começou logo após a Segunda Guerra Mundial, nos principais centros de produção de conhecimento sociológico que influenciam o Brasil – Estados Unidos e França – (só consolidando-se na década de 70). No Brasil, essa reação chegou nos anos 80 (VERLINDO, 2004, p. 20).

A sociologia interacionista consolidou-se nos Estados Unidos na segunda metade da década de 1960, diante de uma conjuntura caracterizada pelo (a) esmagamento da *primavera de Praga*; (b) movimentos estudantis de contestação ao modelo cultural ocidental; (c) denúncias da desigualdade e da opressão política, econômica, cultural e racial.

Neste contexto, ocorre na sociologia uma multiplicação de paradigmas, efervescências e restaurações teóricas, bem como uma certa opressão estatal junto à instituição sociológica até a recessão mundial de 1973, e a pressão do movimento estudantil: a sociologia como instrumento de luta política até o fim da guerra.

As principais correntes teóricas pós-funcionalistas são: (1) *A teoria das trocas*: defesa da idéia de que as formas elementares da vida social são constituídas por atores individuais de inclinação exclusivamente racional; (2) *O interacionismo simbólico*: o significado é determinado pela negociação individual; é nas próprias situações microssociológicas que devemos procurar as variáveis explicativas das práticas sociais, considerando-as como sistemas sociais auto-suficientes. Goffman parece ter ido mais longe do que os fenomenólogos e os etnometodólogos, ao considerar a pertinência da interferência de determinados fatores exteriores à situação de interação, fatores estruturais e, por isso, de índole macrossociológica. Goffman preocupa-se com as regras que estão na base da definição da situação de interação, de maneira

que seja possível prever reciprocamente o agir dos intervenientes, mantendo a ordem social; (3) *A etnometodologia*: os indivíduos concebem eventos contingentes como índices de regras que sendo especificadas podem ser modificadas. A etnometodologia, neologismo criado por Harold Garfinkel, preocupa-se com os aspectos implícitos subjacentes à ação cotidiana, partindo do princípio, também presente na fenomenologia social, de que os agentes sociais apreendem e constroem a realidade tendo em vista objetivos práticos; (4) *O marxismo estruturalista*: movimentos históricos como transformações de princípios estruturais fundamentais.

Existe um acordo fundamental entre o interacionismo simbólico, a fenomenologia e a etnometodologia: o objeto de estudo é o homem na sua vida cotidiana e no permanente trabalho de produção simbólica e cultural. A realidade social não é predeterminada do exterior; ela é sempre o resultado da percepção, interpretação e avaliação dos atores. Um outro ponto significativo em comum é o privilegiar as interações e formas de comunicação não-verbal, com particular insistência nas *performances* corporais e gestuais (em Goffman o estudo da face reveste-se de uma importância particular). Goffman refere que o seu objeto de estudo são as *expressões emitidas*.

O retorno às propostas sintéticas na sociologia: as razões sociais e institucionais desse desenvolvimento teórico sintético mais recente são (a) o estado de fragmentação teórica no qual se encontrava a sociologia no final dos anos 70, (b) os sinais de esgotamento das tradições micro e macrosociológicas no início dos anos 80, (c) a dissolução dos movimentos sociais mais radicais, (d) o conteúdo cognitivo das teorias parciais perdeu seu caráter estimulante (ALEXANDER, 1987).

É necessário analisar mais detidamente o retorno às propostas sintéticas na micro sociologia. Trata-se de uma análise sobre o interacionismo simbólico, o individualismo metodológico e a etnometodologia. Com relação ao interacionismo simbólico (Goffman): das análises da contingência das situações de interação aos desenvolvimentos em direção às questões estruturais e culturais. No individualismo metodológico (Coleman): da noção de uma relação de causalidade na conexão entre ações individuais e fenômenos estruturais à postulação de uma relação analítica fundada em processos indivisíveis no sistema mais amplo. Ocorrem, ainda, as revisões na escola estruturalista americana e a revisão no marxismo contra o estruturalismo. Na etnometodologia houve tentativas

de incorporar critérios de verdade de trabalhos mais estruturalistas.

Surge uma onda de revisionismo das tradições micro e macro que marcou o “novo movimento teórico” na sociologia. Segundo Alexander (1987, p. 20), “O novo movimento teórico na sociologia pode ser revelado pelo estudo do revisionismo dentro das tradições micro e macro”. De fato, surgiram revisões interessantes no interacionismo simbólico. Goffman mudou um pouco o enfoque dessa corrente teórica. Antes, dentro da tradição contingente de Blumer, ocorre a mudança em direção ao cultural e estrutural.

Alguns estudos passam a considerar as ações individuais não mais como objeto de estudo, mas como condições para operar mecanismos estruturais. Como mostra Alexander (1987, p. 21), nos Estados Unidos, especialmente na escola estruturalista, “Moore começa a escrever sobre as fontes subjetivas, mais que sobre as objetivas, da fraqueza da classe mais trabalhadora (MOORE, 1978) e sobre o sentimento de injustiça dos proletários, mais que sobre a própria injustiça objetiva”.

Esse novo movimento teórico também pode ser ilustrado e explicado nos argumentos defendido por Skocpol (1982) ao tentar explicar a revolução no Irã como resultado de fatores religiosos.

A corrente culturalista invadiu não somente a sociologia como também o domínio da história social. Nesse sentido, temos Sewel (1985) e Hunt (1987) como adversários do estruturalismo, voltando-se para o culturalismo. Tudo isso está em consonância com o renascimento dos estudos culturais de um modo geral (ALEXANDER e SEIDMAN, 1988). Trata-se de uma renovação do interesse da teoria social pela filosofia hermenêutica, semiótica, estruturalismo e uma nova perspectiva da sociologia de Durkheim mais simbólica. Como mostra Alexander (1987, p. 22), essa guinada cultural da teoria sociológica tem raízes nos discursos antimaterialistas de Gouldner, antiestruturais de Calhoun (1982) e Prager (1986).

Considerando-se que o culturalismo tem raízes na crise de estruturalismo, é necessário lembrar a mudança de direção teórica de alguns autores importantes, como Alain Touraine<sup>1</sup> que se afastou do marxismo, passando a estudar os novos movimentos sociais como alternativas às contradições da sociedade pós-industrial.

Com relação ao principal impacto do pós-estruturalismo,

[...] nas ciências sociais tem sido a redução da influência da direção marxista na teoria crítica. Na teoria de Foucault (p. ex., 1970), formações discursivas substituem modos de produção. Na de

Bourdieu (p. ex., 1986), o capital cultural substitui o capital de tipo tradicionalmente econômico. Na de Lyotard (1984) o papel de narrativas culturais sobre a racionalidade e rebelião de atores históricos substitui explicações que supõem a racionalidade e relacionam a rebelião somente à dominação (ALEXANDER, 1987, p. 23).

Vimos que a crise do estruturalismo provocou uma grande mudança na direção da teoria sociológica contemporânea. Isso se torna evidente quando se considera a teoria de Habermas, na qual se verifica um distanciamento em relação ao marxismo em direção à linguagem, ou seja, a ação comunicativa. O mesmo tende a acontecer com Giddens, embora esse autor tenha filiação teórica distinta. Com Giddens (1971), temos uma mudança de uma tendência inicialmente estruturalista da teoria do conflito e do neomarxismo para uma perspectiva da reflexividade, a teoria da estruturação (ALEXANDER, 1987, p. 23).

Caberia alguma indagação: que influência teve o “novo movimento teórico” na sociologia brasileira? Qual a articulação entre a explosão da cultura na teoria sociológica contemporânea e a produção brasileira?

A sociologia da cultura tornou-se a principal área de pesquisa na atualidade, ao lado de um certo renascimento da sociologia histórica (com a teoria civilizacional), da sociologia do reconhecimento, da globalização e da reflexividade.

O imbricamento entre teoria social e a cultura tende a colocar um quadro pouco otimista para a produção sociológica contemporânea. Essa situação pode ser atribuída a dois fatores: (1) mudanças no nível da sociedade, ou, da comunicação entre a sociologia e sociedade, (2) refere-se à configuração da teoria sociológica em relação à teoria social, que parece uma extensão da teoria cultural. Esse dois aspectos são importantíssimos para se entender o atual estado da teoria sociológica.

Quanto à relação entre a sociologia e a teoria social, é preciso considerar as importantes observações de Mouzelis (1985), nas quais critica a teoria da ação comunicativa de Habermas, notando que a ênfase na linguagem tem ido muito distante e, de uma certa forma, contribui para o esquecimento da análise institucional na teoria sociológica, uma tarefa tradicionalmente importante na teoria sociológica.

A sociologia parece que perdeu a referência à análise institucional, passando a estudar o imaginário social, as identidades e a cultura, sem articulações com o contexto macro. De fato, percebe-se que essa referência foi perdida nas últimas décadas também na sociologia brasileira. Entender as razões do

esquecimento da “análise institucional” é o principal objetivo deste trabalho.

Teria sido o chamado “novo movimento teórico” que trouxe a cultura para o debate sociológico? É provável que sim. Segundo Alexander, o conceito de cultura permitiu a aproximação entre pólos opostos: ação e estrutura, objetivismo e subjetivismo.

Mesmo não sendo até então forte no Brasil, nos Estados Unidos sempre foi predominante a sociologia culturalista que desconhece as estruturas econômicas, as instituições sociais, o poder político ligado às classes sociais e ao Estado (CALLHOUN, 1991). A principal preocupação dessa sociologia era com o imaginário e a interpretação da realidade.

Segundo Verlindo (2004, p. 12), “A partir desse ‘novo movimento teórico’, a Sociologia resgata o imaginário e o sentido da ação social e se torna, cada vez mais, cultural, mesmo quando não aborda diretamente temas do campo cultural. Saímos de uma situação em que a cultura não era um dos temas favoritos para uma situação em que tudo é cultura”. Nossos sociólogos também foram influenciados por esse movimento teórico, e começaram a estudar os sujeitos coletivos, a ação e seu sentido, as representações sociais, identidades, reprodução cotidiana das macroestruturas. Ou seja, deram relevo ao imaginário social. Com isso, já começamos a sentir falta das “grandes teorias”, visões de conjunto sobre a gênese e o papel do social.

### **Transformações sócio-culturais e a expansão dos estudos culturais na América Latina**

Os estudos culturais recentes tendem a aproximar o discurso historiográfico ao discurso literário, no sentido de que estes discursos são considerados manifestações culturais de um certo período, no qual os vários discursos que compõem a história de um povo podem ser analisados fora de uma mera relação de causa e efeito.

Os estudos sociais contemporâneos tendem a

Dar maior visibilidade aos grupos étnicos, as mulheres, os gays, os camponeses e tipos de trabalhadores são perspectivas que ganham cada vez mais terreno no âmbito dos estudos sociais. Thompson assim o fez ao analisar a classe operária inglesa no séc. XVII; Robert Dartom, ao destrinchar o grande massacre dos gatos à luz dos esquemas simbólicos, da maneira como as pessoas comuns de uma comunidade conferem sentido ao mundo e Foucault, ao desnudar a tecnologia do poder nas teias de significados, historicizando-as no tempo (POSSAS, 2003, p. 6).

Os estudos culturais na América Latina alcançaram considerável desenvolvimento nos últimos quinze anos. Desenvolveram-se mantendo laços estreitos entre as ciências sociais e as ciências da comunicação, com ênfase na cultura de massa. Essa busca pela cultura é resultado de transformações na esfera sócio-cultural, decorrente do processo de globalização e das mudanças na teoria social, promovidas pelo “novo movimento teórico”.

Entre os autores pioneiros dos estudos culturais na América Latina, mencionamos Nestor G. Canclini, B. Sarlo e Martin-Barbero. São figuras reconhecidas no mundo todo.

Os estudos culturais enfatizam demasiadamente estudos da identidade coletiva. Tais estudos defendem o pressuposto de que a identidade é mutável, se constrói e se reconstrói constantemente. Um defensor dessa vertente é Renato Ortiz, autor de vasta produção no campo da cultura, promovendo um instigante diálogo entre a antropologia cultural e a sociologia da cultura.

Com relação aos fatores que influenciaram a tendência culturalista nas ciências sociais no continente latino-americano, Follari aponta algumas razões de ordem econômica.

por qué – según entendemos – los Ec [sigla para referir aos Estudos Culturais] han derivado hacia posiciones conceptuales cada vez menos antagónicas con el capitalismo globalismo actual. Esse adaptacionismo creciente no sería próprio solo de los Ec, sino de muy variadas posiciones dentro de las ciencias sociales contemporáneas. Y tal situación no es para nada casual, sino fruto de determinaciones estructurales: tal el caso del nuevo rol económico de la cultura, que cumple casi siniestramente con la profecía frankfurtiana sobre la *industria cultural*; y del peso relativo que han ganado el capital financiero em la globalización, com lo cual la relación *material* com el proceso de producción se há visto considerablemente medida, dando lugar a una autonomización creciente del dinero y sus operaciones, en relación con el proceso tradicional de trabajo como transformación de matéria prima directa (FOLLARI, 2004, p. 84).

A financeirização da economia tem tornado a cultura algo mais importante. É considerável a importância que a informação, a cultura e a tecnologia virtual assumem na vida contemporânea. Percebe-se que os estudiosos se adaptaram realmente ao globalismo e à invasão da cultura sobre a esfera política e social. Jameson (1999, 1992) defende a hipótese de que estamos vivenciando um movimento de internacionalização dos estudos culturais e internacionalização cultural, e dos temas relacionado

à nação.

Follari (2004) ainda ressalta que os estudos culturais são uma empresa cultural exitosa. Inicialmente nos EUA, e posteriormente na América Latina, tem se repetido a aproximação dos temas cotidianos antes deixados de lado pelas ciências sociais, com enfoque na proximidade das vivências, o que tem modificado os estilos da escrita acadêmica.

A guinada cultural das ciências sociais, particularmente na sociologia, contribui para que os estudos culturais mantenham estreitas relações com a antropologia e com a comunicologia, além de se caracterizar pela proximidade com os movimentos sociais e com aquilo que excede o mundo acadêmico (FOLLARI, 2004, p. 95).

Este campo de estudo tende abandonar a teoria estrutural, aproximando-se do cotidiano e das questões imediatas. É isso que estamos defendendo neste trabalho: a perda da análise institucional como resultado dessa guinada cultural das ciências sociais (FOLLARI, 2004, p. 96).

Alguns dos estudos culturais recentes são uma verdadeira agregação de dados sem uma ordenação conceitual suficiente, ou seja, uma descrição que fica no campo das impressões. Para Reynoso, os estudos culturais são fruto de um processo de pós-modernização cultural. Seria uma fase tardia do pós-modernismo e não uma superação.

Follari (2004, p. 118) ressalta que alcançamos duas grandes tendências nas ciências sociais contemporâneas: (1) a tendência que tolera a progressiva e aberta mercantilização da ciência, a serviço direto dos interesses gerenciais das empresas ou do Estado em nome do “novo modelo científico” (GIBBONS, 1997) é apresentada como interdisciplinar e com finalidades práticas; (2) tendência influenciada fortemente pelas transformações do mundo globalizado, denominada de “ciência ‘débil’ com diminuição de la negatividad em lo ideológico, com caída de lo empírico y lo teórico em prol de lo simplemente retórico, y debilitamiento e lo epistémico em orden a una innovación proclamada sin critérios precisables”.

Por teorias débeis, Follari (2004, 2002) entende as teorias produzidas nas ciências sociais contemporâneas caracterizadas pela progressiva perda de criticidade e de pertinência política, pelo ecletismo e transdisciplinaridade. Apresentam também problemas referentes a uma desarticulação de critérios epistemológicos disciplinares. Trata-se de um afrouxamento ideológico e epistemológico. Estamos diante de uma tendência geral nas ciências sociais, dentro da qual os estudos culturais são apenas um exemplo de teorias debilitadas e abrandamento do

discurso científico frente à complexidade do mundo social. Esse estágio pelo qual passa a ciência social seria resultado de “una condición del capitalismo que establece las condiciones materiales que generan esta nueva realidad” (FOLLARI, 2004, p. 120). Teria grande influência nessas condições sociais o papel cada vez maior que o capital financeiro assumiu na massa do capital global, o crescimento do fluxo de capitais que se move diariamente pelo globo. O capital financeiro estaria modificando substancialmente os processos de produção por meio da progressiva inovação tecnológica e suas influências no comércio internacional.

Um outro fator importante é o peso do simbólico como parte da infra-estrutura da economia, ou seja, a importância da indústria internacionalizada do produto cultural como produtora de lucros e como parte da economia. A televisão a cabo, a música, a internet e toda a indústria de massa são fontes de lucros elevados.

Tudo isso descreve modificações estruturais que desenham uma nova estrutura do capitalismo global, que deu lugar à cultura e às comunicações dentro dela e se reflete na teoria social. Conforme defende Follari (2004, p. 121),

Esta permanente penetración de la cultura em el capital y viceversa, está afectando doblemente a las ciencias sociales, se hagan éstas cargo o no de la situación de manera conciente: 1. El objeto de análisis de las disciplinas sociales a menudo está constituido por estos fenómenos que acabamos de describir: lo mediático, la globalización informática y comunicativa, etc. De modo que em el análisis mismo del objeto se va produciendo una inevitable influencia de este, que va conformando a menudo a los sujetos de esos estudios “a su imagen y semejanza”. [...] 2. No solo por vía de aquello a lo que refieren las ciencias sociales, ellas están afectadas por los nuevos procesos. También automáticamente, se diría que *constitutivamente*, están formando parte de esas nuevas condiciones a las cuales nos hemos referido. Lo que significa que se está-ya-siendo (antes de toda conciencia al respecto) dentro de un mercado académico cada vez más ligado a lo mediático, más jugado al *fast-thinking*, más subvencionado desde los espacios del marketing y del poder económico.

Pode-se considerar que as ciências sociais hoje são parte de um espaço no qual se trocam comercialmente o saber e a cultura. É visível a influência do mundo midiático e da cultura de massas na academia e nas análises sociológicas, daí uma das sérias razões da atual guinada cultural na sociologia

brasileira. Na verdade,

Descubrir los mecanismos del mercado cultural puede servir hacerse cargo de ello para ubicar allí el próprio producto científico; aprender sobre el peso de las comunicaciones en la promoción de consumos puede llavar a buscar como promover el consumo de la propia producción del científico. Em una palabra, se produce una relación ‘em espejo’ con el objeto (FOLLARI, 2004, p. 121).

### **Formação e desenvolvimento da sociologia no Brasil**

Temos considerável literatura acerca da história da sociologia no Brasil. Apresentaremos a periodização do desenvolvimento da sociologia no Brasil desenvolvida por Antônio Cândido (1967). São três fases da história da sociologia brasileira: (1) a formação (1880-1930); (2) transição (anos 30); (3) institucionalização (década de 40). Nossa preocupação é enfatizar as temáticas de cada fase, e particularmente mostrar que autores trabalhavam com a questão da cultura.

1) *Formação (1880 a 1930)*: Surgem estudos preocupados em caracterizar a cultura brasileira, enfatizando elementos indígenas, portugueses e africanos, a influência da cultura européia. Oposição entre saber racional-técnico-científico e o saber popular, o folclore, presente nos costumes e gostos da população (QUEIROZ, 1980). Na verdade, são tentativas de conhecer o povo, seus costumes, cultura e identidade, tentando mostrar as possibilidades e os obstáculos de construir uma nação nos trópicos. Predomínio de interpretações preocupadas com a identidade nacional. As figuras mais relevantes dessa época foram Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Sílvio Romero, os precursores das Ciências Sociais no Brasil. Eles estudaram temas relacionados à literatura, ao folclore, aos movimentos messiânicos e às tradições africanas no Brasil.

Sílvio Romero (1851-1914), autor de *Cantos Populares no Brasil, Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil, Etnografia Brasileira e Introdução à História da Literatura Brasileira*, é o primeiro a estudar a cultura brasileira em termos sociológicos, preocupado em descobrir a autenticidade do Brasil.

Nina Rodrigues dedica-se à análise das culturas afro-brasileiras no século XIX. Contribuiu com a teoria do sincretismo religioso entre santos católicos e deuses africanos. Analisa o direito penal brasileiro. Nina Rodrigues incorpora o “negro” como novo elemento na análise em seus estudos, os quais são fortemente contaminados por idéias raciológicas. É dele a tese de que (a) as raças diferenciam-se entre superiores e inferiores, (b) no contato inter-racial e

na convivência a raça superior sempre vence, (c) a história é um processo de gradual aperfeiçoamento moral, intelectual e psíquico do homem (ORTIZ, 1986).

Euclides da Cunha (1866-1909) interpreta o Brasil em *Os Sertões*. Revela a existência de dois brasis: um progressista nas cidades do litoral e outro arcaico do interior, no sertão. Euclides da Cunha considera fundamental entender o homem e a terra. Influenciado pelo positivismo e pelas teorias racistas importadas da Europa, defende a tese do determinismo do meio. Contrapõe o mulato do litoral (complacente) ao mestiço do interior, (rígido). O ambiente ríspido e hostil do Nordeste brasileiro exigia força e luta das suas populações pela sobrevivência. O clima como entrave à civilização.

Os principais enfoques epistemológicos da primeira fase da sociologia da cultura brasileira foram o positivismo e o determinismo racial e geográfico. Os temas mais relevantes foram: cultura popular, folclore, etnicidade, identidade nacional, religiões, literatura e messianismo (VERLINDO, 2004).

2) *Transição (década de 1930)*: Dominada pelos estudos de Gilberto Freyre, sociólogo nordestino que utiliza o conceito de cultura para entender a realidade brasileira. A influência de Franz Boas, adquirida quando esteve nos Estados Unidos, modificou os estudos de Freyre sobre raça e cultura, levando-o a propor uma diferenciação entre raça e cultura, pois antes havia o predomínio de explicações biologicistas ou biológicas da realidade brasileira. Distingue o aprendido, artificial, criado e construído socialmente nas relações entre os homens do que é natural, biológico e inato (FREYRE, 1963).

Freyre desmoraliza cientificamente o racismo com suas obras *Casa Grande e Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Nordeste* (1937). Gilberto Freyre dedicou sua vida à luta contra os mitos negativos do racismo e do determinismo geográfico. Foi discípulo de Giddings e de Boas, explorou bastante as noções de “cultura” e de relativismo cultural para entender a sociedade brasileira. Freyre retoma à temática racial, sob o culturalismo norte-americano, dando positividade ao mestiço, o que antes era negativo, o “mestiço torna-se nacional” (ORTIZ, 1986, p.41). A noção de cultura pode unir toda a nação, as contradições sociais ficam em segundo plano. As diferenças se complementam no Brasil: O determinismo geográfico e racial é substituído pelo determinismo cultural.

Em 1933, no mesmo ano de *Casa Grande e Senzala*, surge um grande livro que busca interpretar o Brasil, *Evolução Política do Brasil* de Caio Prado Júnior, que rompe com os modelos tradicionais da

historiografia nacional, com base no materialismo histórico, que ao lado de *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda contribuem com a sociologia que entende a formação nacional (NOGUEIRA, 1981, p.192).

3) *Institucionalização (a partir da década de 1940)*: Marca a emergência da primeira geração de sociólogos, inicialmente na Escola Livre de Sociologia de São Paulo (1933) e na USP (1934) e na Universidade do Brasil (1939). Vieram diversos mestres da Europa.

Nesta fase é importante a presença de Fernando de Azevedo, autor de *Cultura Brasileira e Antonio Cândido*, autor de *Parceiros do Rio Bonito* – estudos de comunidade e estilos e formas culturais. Transformações na cultura popular caipira. Segundo Dias (1994, p. 17-18),

Pensamos ser adequado considerar *Os parceiros do Rio Bonito* como um bom produto do ambiente intelectual paulista em que se verificou a institucionalização da pesquisa social; e também obra representativa, no campo dos estudos culturais, do período em que a prática sociológica se afirma de forma definitiva no Brasil.

Esta fase pode ser dividida em três sub-fases: (a) *Interpretações do Brasil (40 e 50)*, com destaque para Roger Bastide, Fernando de Azevedo e Antônio Cândido. (b) *Vinculação da cultura brasileira com o projeto político alternativo ao capitalismo (décadas de 50, 60 e 70)*, caracteriza-se pela hegemonia de intelectuais do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), o conceito de cultura ligado à transformação social, à cultura alienada, segue Hegel e Mannheim (Ortiz, 1986), com destaque para o trabalho de Roland: Corbisier *Formação e Problema da Cultura Brasileira*. O conceito de alienação cultural, tomado de Marx e Lukács, aparece nestas discussões sobre cultura. O conceito de cultura popular como sinônimo de conscientização política, transformação, oposto ao folclore, à tradição, considerado alienado e conservador. Neste período, as principais obras foram: *O Problema Nacional do Brasil* (1959), de Guerreiros Ramos, *Consciência e Realidade Nacional* (1960), de Álvaro Vieira Pinto e *A Questão da Cultura Popular* (1963), de Carlos Estevam.

Com o golpe militar e o conjunto de transformações político-culturais, os estudos da cultura cederam lugar aos estudos do Estado, do modelo político e econômico, do regime militar etc. A teoria da dependência aparece como uma tendência



desta época, uma busca de interpretar a América Latina em termos de processos histórico e estrutural com base numa perspectiva totalizante (CARDOSO e FALETTO, 1970). (c) *Fase de expansão das pesquisas e programas de pós-graduação (de 75 a 84)*: temas maiores como dependência e modos de produção foram substituídos por temas menores e concretos da sociedade civil, como questão agrária, movimentos sociais, sindicalismo, cultura popular, partidos políticos e a questão feminina. Nestes estudos, o sociólogo entra em contato direto com pessoas concretas, seus modos de vida, registrando e observando o povo, mais que analisando. É o advento do estilo antropológico na sociologia (MACIEL, 1986).

Nos anos 80 as ciências sociais brasileiras buscaram superar a oposição entre *teoria da modernização e teoria da dependência*. Nesta mesma época, nos Estados Unidos, o estrutural-funcionalismo estava sendo superado pelas teorias que abordavam a cultura.

Uma das descobertas na análise da produção sociológica nacional é de que a cultura não era um tema de destaque até recentemente, mesmo que nossas ciências sociais tenham sido constituídas a partir de uma tradição culturalista, desde seus fundadores, no século XIX, até o advento da Escola de Sociologia da USP e muito influenciada pela tradição francesa.

### **A tradição culturalista no pensamento social brasileiro**

Os primeiros estudos preocupados com a interpretação da sociedade brasileira, na sua grande maioria, apresentaram tendência culturalista, primando pela cultura como aspecto privilegiado para o entendimento da realidade social. A maioria dos autores era homens de Centros e Institutos, e geralmente ligados à literatura. Câmara Cascudo, um dos mais conhecidos folcloristas do país, etnógrafo que se limitou basicamente ao registro de fatos, descreveu contos e lendas, elaborando fontes para a investigação da cultura popular. Suas elaborações ocorreram fora do espaço acadêmico, por isso não o consideramos estritamente um cientista social, porém um respeitado estudioso da cultura popular.

Gilberto Freyre é um continuador do pensamento tradicional, estudioso que privilegiou a problemática cultural. Outros pensadores se voltaram para a análise da cultura:

Antônio Cândido se inclinou para análise da cultura caipira e da literatura; Maria Isaura Pereira de Queiroz, para o estudo das religiões e da cultura

camponesa; Florestan Fernandes se interessou pelo folclore, a cultura indígena, e dedicou boa parte de seus escritos à integração do negro na sociedade de classes (ORTIZ, 1990b, p. 164).

Esta preferência pela cultura pode ser explicada pela influência da sociologia francesa no Brasil. A ênfase na cultura representa, de certa forma, “a inspiração durkheimiana, quando Durkheim se ocupava de temas como povos primitivos e suas religiões, consciência coletiva, solidariedade mecânica e outras questões ligadas à cultura” (RODRIGUES, 2002, p. 47).

Em “Estudos culturais no Brasil: a tradição sociológica”, Dias (1994) examina a exploração dos temas culturais no pensamento social brasileiro, enfatizando as fontes teóricas dos textos analisados. Ele inclui, entre os chamados estudos culturais, aqueles que se ocupam desde análises conceituais, estudos sobre manifestações culturais, interpretações da estrutura social a partir da cultura até os ensaios sobre a interpretação e caracterização da cultura brasileira.

Define-se por *estudos culturais* na tradição intelectual brasileira:

a) análises conceituais; b) apreciações sociológicas a respeito de manifestações culturais; c) estudos de aspectos da estrutura social, percebidos predominantemente sob o ângulo da dimensão cultural; d) caracterização da cultura brasileira e discussão de assuntos correlatos, tais como identidade e regionalismo (DIAS, 1994, p. 10).

Dias (1994) elabora uma periodização do desenvolvimento da sociologia no Brasil, por períodos a partir de temas e autores, destacando Silvio Romero, Gilberto Freyre e Antônio Cândido como representantes de três períodos distintos. Entre os autores mais recentes analisados que tratam da cultura brasileira, o autor cita Fernando de Azevedo, Maria Isaura de Queiroz e Renato Ortiz.

A sociologia da cultura estuda, desde os criadores de obras simbólicas, as obras e os contextos nas quais são produzidas até as manifestações culturais de massa e populares.

O sistema cultural é um conjunto através do qual se exprime, de modo coerente, a interdependência entre as diferentes partes que formam uma cultura. O sistema cultural divide-se em três subsistemas: (1) ideológico, que se forma de pautas *internas* reais e ideais. Inclui conhecimentos de filosofia, religião, ciência e saberes práticos e populares; (2) pautas externas, normas, costumes, etc.; (3) tecnológico, máquinas simples e complexas (DIAS, 1994, p. 12).

## **A Relação entre cultura e identidade nacional**

A temática da identidade nacional sempre foi central no pensamento social brasileiro. Trata-se de uma abordagem feita sob o ponto de vista da cultura. Nos anos 50 e 60 o tema do regionalismo cultural também recebeu atenção dos pesquisadores. Ele voltou nos anos 70, sob o regime autoritário, a partir do Conselho Federal de Cultura. A cultura aqui foi encarada numa perspectiva conservadora e tradicionalista (DIAS, 1994; ORTIZ, 1986).

A temática cultural nos anos 50 e 60 também estava inserida no contexto de descolonização dos países da América Latina, as relações entre mundo desenvolvido e o mundo periférico. A cultura como projeto político foi abordada pelo ISEB e os CPCs da UNE. Privilegiava-se a cultura como projeto político, espaço de transformação social, mobilização e conscientização. Os estudos se preocupavam com a *autenticidade cultural*, criticando o elemento cultural importado, tido como colonizado. Trata-se de uma visão baseada na ideologia nacionalista.

A partir dos anos 80 houve um avanço nos acontecimentos culturais e significativos debates sobre determinados textos. Os estudos culturais brasileiros empreendidos na sociologia e na nossa historiografia em grande parte se deram com estreitas relações com a antropologia. A sociologia da cultura encontra-se atualmente bastante consolidada na nossa universidade, faz parte de programas de pesquisa em diversas universidades, bem como nas associações científicas (DIAS, 1994).

É possível sugerir a hipótese de que a guinada cultural da sociologia brasileira nos anos 80 explica-se pela marcante influência de autores clássicos no Brasil, como Gilberto Freyre, Antônio Cândido, Florestan Fernandes, Aluísio de Azevedo e Roger Bastide, que foram, nos anos 50, figuras centrais na sociologia brasileira, sempre dialogando com a antropologia.

## **Sociologia e sociedade no Brasil: o esquecimento da análise institucional e a guinada cultural na sociologia brasileira**

Discutiremos agora os motivos da guinada cultural da sociologia brasileira nas últimas décadas do século XX. Talvez os motivos sejam aqueles responsáveis pela necessidade de a sociologia brasileira explicar as mudanças sócio-econômico-político-culturais provocadas pelo advento da Revolução Científico tecnológica e pela emergência de novos atores sociais na sociedade brasileira pós-1960. Esta se caracteriza pela consolidação

de um parque industrial e a introdução de novas tecnologias no setor produtivo, por um acelerado processo de urbanização e sua inserção numa nova etapa do processo de internacionalização do capital. Entramos de fato numa “ordem social competitiva” (FERNANDES, 1975).

A valorização dos estudos acerca da cultura revela o estabelecimento de um mercado de bens simbólicos no país, fruto do processo de implantação e consolidação da indústria cultural a partir dos anos 70 (Ortiz, 1990a). Como lembra Moreira (2000, p. 3),

Pode-se pensar que os cientistas que hoje se dedicam à análise da cultura são os herdeiros da tradição do pensamento brasileiro que, [...], sempre se voltou para a cultura brasileira na busca de suas interpretações do Brasil. Neste sentido, a característica comum às análises recentes é que elas repõem a questão da modernidade. Porque, no limite, foi sempre disto que se tratou: do pessimismo das teorias raciais que se comparava com a moderna Europa do fim de século XIX; dos retratos da brasilidade sob o influxo do modernismo de 1922; da euforia da modernização industrial do nacionalismo desenvolvimentista; dos debates sobre a cultura e o lugar das idéias diante da aceleração modernizante do regime militar.

De fato, sejam estes ou não os motivos, o que se sabe é que a modernidade ainda permeia os estudos brasileiros. A invasão da cultura nas diferentes esferas da vida social é fato evidente, apontado não só pelos teóricos da pós-modernidade, mas até mesmo pelos estudiosos do trabalho que se preocupam com aspectos culturais do ambiente de trabalho, como valores, identidade, cotidiano, experiência, sofrimento e vivência no trabalho.

A relação entre cultura brasileira e a cultura ocidental é uma problemática clássica na sociologia brasileira. Um dos estudos mais importantes a este respeito é o já mencionado *Raízes do Brasil* (1936) de Buarque de Holanda. A questão cultural se coloca atualmente em relação à cultura mundializada e à globalização da economia, com ênfase no local, nacional, e no particular (ORTIZ, 1990a).

É urgente uma renovação da análise institucional na sociologia. Esta é uma tarefa corajosa e necessária para penetrarmos efetivamente as falhas do pós-estruturalismo e do pós-modernismo. Trata-se de um empreendimento que pode representar até mesmo a sobrevivência da nossa ciência. A sociologia precisa demarcar suas fronteiras em relação aos “novos produtores culturais”, pois vem perdendo terreno para o campo jornalístico e cultural, de um modo geral.

A maneira pela qual o campo cultural e, em particular, o campo jornalístico estão organizados, é responsável pelo isolamento da academia e dos sociólogos dos grandes debates públicos atuais.

Ao tratar da crise e dos impasses atuais da teoria sociológica, Reis (1993, p. 13) discute a questão de como o declínio do estatismo, do nacionalismo e do cientificismo contribuem para criar uma situação de crise e impasse nas ciências sociais. O declínio desses três aspectos caracteriza o pós-desenvolvimentismo no terceiro mundo.

### **Abandono do desenvolvimentismo ou pós-desenvolvimentismo?**

As ciências sociais do terceiro mundo tinham, até recentemente, a idéia de desenvolvimento como algo catalisador, um dos principais eixos de análise. Havia, é claro, evidentes diferenças nas abordagens e perspectivas políticas acerca do desenvolvimento: evolucionismo, dependência, modernização, revolução social.

Desenvolvimento, modernização e crescimento econômico eram temas e projetos dotados de caráter emancipatório. Na década de 1960 surgiram estudos criticando as diferentes perspectivas e modelos de desenvolvimento. Nos anos 80 as ciências sociais deixam de lado a temática do desenvolvimento. Nesta década os cientistas sociais brasileiros buscaram superar a oposição entre teoria da modernização e teoria da dependência. Nesta mesma época, nos Estados Unidos, o estrutural-funcionalismo estava sendo superado pelas teorias que abordavam a cultura.

A partir dos anos 80 o desenvolvimentismo perdeu credibilidade (como temática) entre os cientistas sociais e (como projeto político) entre os políticos do terceiro mundo. Na verdade, raramente o desenvolvimentismo é referido até mesmo como crítica. Isso se deve, em parte, às “Falhas analíticas por um lado e frustrações históricas por outro [...]” (REIS, 1993, p. 13).

As ciências sociais do terceiro mundo tinham como pilares o *estatismo*, o *nacionalismo* e o *cientificismo*. A erosão destes pilares acarretou uma séria crise de identidade nas teorias então dominantes e nas próprias ciências sociais.

Atualmente vivemos uma dupla rejeição: à ciência e ao Estado-nação, ambos como caminhos e portadores do desenvolvimento. Isso, sem dúvida alguma, contribui para a crise nas ciências sociais, causando o deslocamento dos pesquisadores em relação a outros objetos de investigação e orientação teórica. Nossa hipótese sugere que aqui reside uma

das razões pela guinada cultural da sociologia a partir dos anos 80 e o esquecimento da análise institucional na sociologia brasileira contemporânea. Portanto, a crise de paradigmas na ciência e a crise do Estado-nação são fatores que condicionaram esse conjunto de transformações nos campos político-econômico-social e científico, dando ensejo ao avanço de novas temáticas na pesquisa social.

A desqualificação da objetividade científica acarreta uma supervalorização da subjetividade como refúgio das teorias. Tal é a perspectiva dos defensores da sociologia pós-moderna. Segundo Reis (1993, p. 15),

Nesse movimento, as ciências sociais são reduzidas a um empreendimento discursivo que perde para a literatura em termos estéticos, para a religião em capacidade de persuasão, e para a filosofia em raciocínio lógico. Desprovidas de sua justificativa racional, as ciências sociais experimentam séria crise de identidade.

Novamente se encontra uma forte razão da atual guinada cultural da sociologia contemporânea, mesmo que esta mereça uma análise empírica mais acurada.

A “sociologia expressiva” significa a tentativa do pesquisador de se relacionar com o objeto, ou seja, a prioridade dada ao que é vivido pelo pesquisador. Este tende a estudar sua experiência e seus problemas imediatos. Trata-se de uma forma de reação ao tradicional distanciamento exigido pela objetividade da ciência moderna. Agora o foco reside nos parâmetros sociais e nos problemas do cientista: seus problemas privados entram no campo da análise. Segundo Rodrigues (2002), essa tendência na sociologia, especialmente ao lado dessa psicologização, e da culturalização das pesquisas sociais contemporâneas, está presente em parte dos micro estudos. Concorde-se plenamente com o autor e com Reis (1993, p. 16) ao afirmar que “[...], não há nada de errado com isso, desde que tais experiências e angústias privadas sejam relacionadas à sociedade mais ampla”. Mesmo sendo por demais importante a “sociologia expressiva”, novamente é urgente a necessidade de um pequeno reparo: a ausência de articulação da pesquisa empírica com o contexto maior, ou seja, estamos nos referindo à necessidade de uma análise institucional casada com a “sociologia expressiva”.

A guinada cultural da sociologia brasileira também pode ser percebida quando analisamos outros trabalhos. Maria J. G. Sant’Anna e Leila do Prado Valladares (1992), organizaram um catálogo

bibliográfico, no qual aparecem descritas, em forma de resumos, cerca de 265 teses defendidas no período de 1960 a 1990 sobre a cidade do Rio de Janeiro, em que 50 delas abordavam a temática do imaginário social, cotidiano e modos de vida. Número superado apenas pela problemática da habitação e da estrutura urbana, que aparecem em 58 teses cada. Estes dados são ilustrativos de uma tendência mais ampla.

### **Grupos de pesquisa e expansão da sociologia da cultura no Brasil**

Rodrigues (2002, p. 48-49), ao analisar as transformações teórico-metodológicas pelas quais passa a sociologia brasileira nos últimos anos, sugere que o avanço dos estudos de sociologia da cultura no Brasil nas últimas décadas pode ser melhor entendido a partir de casos concretos, como a criação de grupos de pesquisa e seções de Sociologia da Cultura em fóruns de discussões, associações e congressos. Em 1979 foi criado o GT Sociologia da Cultura Brasileira da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Em 1980, o grupo de pesquisas de Sociologia da Cultura Brasileira realizou, em Ouro Preto (MG), o I Seminário de Cultura Brasileira, tendo se reunido também nas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e da ANPOCS do mesmo ano. Em 1981, em São Paulo, foi realizado o II Seminário de Cultura Brasileira. Com estes seminários e outras reuniões, surge um conjunto de pesquisas acerca da cultura brasileira. Parte da produção sociológica deste grupo encontra-se publicada em *Ciências Sociais Hoje* nº 1 (1981), nos *Cadernos CERU* nº 13, (1980), nº 14 (1981) e nº 17 (1982) (MOREIRA, 2000, p. 4).

É válido destacar um dos trabalhos significativos desta época, como o de Maria Isaura P. de Queiroz (1981), "Ainda uma definição do 'ser brasileiro'?", publicado em *Ciências Sociais Hoje*, nº 1. Discute a falta de consenso e as incertezas a respeito do tema; no entanto, revela que continua sendo um tema relevante. Dúvidas giram em torno de saber o que constitui a especificidade da cultura brasileira, bem como se o sincretismo entre etnias forma o ser nacional. A pesquisa demonstra que, em nossa cultura, heterogeneidade e ambigüidade são traços marcantes. É importante a ênfase dada ao papel dos intelectuais na cultura brasileira e suas relações com a sociedade (QUEIROZ, 1981).

A temática da identidade faz parte dos estudos culturais em expansão. Cada vez mais os pesquisadores se voltam para este problema. Para

Peter Wagner (1996), cabe à teoria sociológica contemporânea investigar as identidades sociais e suas relações com as fronteiras políticas e com as práticas sociais. A categoria identidade é central, neste momento em que o discurso acerca da crise de identidade é tão acentuado (Wagner, 1996).

Em excelente artigo publicado na revista *Dados*, v. 23, nº 1, Valéria Pena (1980) refere-se às transformações sofridas pela sociologia brasileira, mostrando as mudanças em termos de novos objetos e paradigmas, metodologias e teorias. Segundo a autora, a "nova sociologia" tem como temas a sexualidade, o cotidiano dos trabalhadores, questões étnicas, a mulher, experiências, padrões de convivência etc.

Bolívar Lamounier (1980) lamenta o abandono das ciências sociais por seus temas e "problemas centrais", como o Estado, situação econômica do Brasil, o poder político etc. De fato, nos anos 80, as ciências sociais brasileiras buscaram superar a oposição teoria da modernização *versus* teoria da dependência (MACIEL, 1986).

Em artigo de 1990, Valéria Pena afirmava que a fronteira entre a sociologia e a antropologia era cada vez mais difícil de ser traçada, porque a antropologia havia invadido o campo sociológico, e a sociologia havia se "antropologizado", apropriando-se de conceitos e temáticas da primeira (PENA, 1990, p. 48). Ela chamava a atenção para os trabalhos de Sérgio Miceli, inspirados em Pierre Bourdieu, nos quais o autor destacava que qualquer ação é simbólica (inclusive as econômicas e políticas), pois agir é dar significado e, em consequência, a sociologia deveria buscar entender a produção dos sistemas de representação, a estrutura de poder, os contratos e as negociações. A autora também discute os trabalhos de Manuela Carneiro da Cunha, sobre identidade (que lembram as classificações da etnometodologia); os trabalhos de José Murilo de Carvalho, sobre a percepção da sociedade acerca do funcionamento dos mecanismos de poder e imaginários políticos (trabalhos esses, influenciados pela nova história cultural e história social britânica); as pesquisas de Maria Victória Benevides, sobre as imagens da prisão e a linguagem subjacente a elas (RODRIGUES, 2002).

No entanto, diante da tese da antropologização de Pena, Verlindo defende a hipótese de que

a denominada 'antropologização' da Sociologia brasileira, ocorrida entre os anos de 80 e 90, é a expressão nacional de uma tendência mundial da Sociologia de valorizar a epistemologia interpretativa/fenomenológica (ou hermenêutica),

cujas raízes encontram-se no romantismo (LÖWY; SAYRE, 1993) e no fisiocentrismo europeus (LOPARIC, 1990). Seria uma excessiva simplificação dizer que a Sociologia, ao abordar 'novos objetos' – como o imaginário e o cotidiano – tivesse sofrido uma 'antropologização'. Na verdade, a Sociologia resgatou uma antiga tradição que faz parte da própria disciplina, mas que esteve marginalizada pelo predomínio das correntes macroestruturais positivistas e deterministas (VERLINDO, 2004, p. 14).

A suposta “antropologização” da sociologia brasileira nas décadas de 80 e 90 representa o modo como a sociologia nacional adota e se relaciona com uma tendência mundial da sociologia de privilegiar a epistemologia hermenêutica (interpretativa/fenomenológica) a qual tem raiz no romantismo e no dionisismo, presentes da Europa.

Com base em dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – 1993, especialmente dos Grupos de Pesquisa em Sociologia, verificamos que a Sociologia da Cultura, como sociologia especial e subárea do conhecimento, aparece em segundo lugar entre as sociologias especiais em termos de número de linhas de pesquisa (LIEDKE FILHO, 2003, 2001, 1999).

Ao analisar a presença da Sociologia no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq (1993 – 1997), Liedke Filho (2001) nos apresenta um excelente mapa da situação da pesquisa em sociologia no Brasil, apontando o número de Grupos de Pesquisa, a titulação dos pesquisadores, as linhas de pesquisa e os setores de atividades dos grupos e das linhas de pesquisas. Com relação aos dados gerais sobre a comunidade científica de Sociologia no Brasil, teríamos “cerca de 80 cursos de Ciências Sociais, com aproximadamente 15 mil alunos; 21 Cursos de Mestrado e 13 de Doutorado em Sociologia; calculando-se a existência de cerca de 40 mil formados em Ciências Sociais”. Em 1993 eram cerca de 100 grupos de pesquisa em sociologia, 57 em Antropologia e 55 em Ciência Política, sendo que o total das ciências humanas era de 482 grupos. Já em 1997 o número de Grupos em Sociologia chegou a 149, 99 em Antropologia e 65 em Ciência Política (LIEDKE FILHO, 2001, p. 231).

Interessa-nos extrair da análise de Liedke Filho alguns dados referentes às linhas de pesquisa em sociologia, áreas do conhecimento e setores de atividade.

A classificação de áreas e subáreas de conhecimento do CNPq utilizadas em sociologia não dá mais conta da diversidade de temas e transformações

recentes pelas quais passou a disciplina. O Direito de Grupos de Pesquisa de 1993 identificou 168 linhas de pesquisa e 88 grupos de pesquisa em Sociologia. Dentre as áreas de conhecimento mais relevantes temos a seguinte distribuição: “Sociologia Urbana, 42 linhas; Sociologia Rural, 29 linhas; Sociologia do Conhecimento, 24 linhas; Sociologia do Desenvolvimento, 23 linhas; Sociologia da Saúde, 23 linhas; Sociologia, 7 linhas”. Entre as sociologias específicas, tivemos a seguinte distribuição de linhas de pesquisa: Sociologia do Trabalho, 26 linhas; Sociologia da Cultura, 12 linhas; Sociologia da C&T, 10 linhas; Sociologia da Religião, 7 linhas; Estado/ classes/movimentos sociais, 6 linhas; Sociologia Política, 5 linhas; Sociologia da Educação, 4 linhas; Sociologia Rural, 4 linhas; Outras Sociologias, 11 linhas (LIEDKE FILHO, 2001, p. 236).

Em 1997, o Diretório dos Grupos de Pesquisa registrou 800 linhas de pesquisa em Sociologia para, 149 Grupos de Pesquisa. A distribuição das linhas por área neste ano era: Sociologias específicas, 225; Sociologia Rural, 49 linhas; Sociologia do Conhecimento, 44 linhas; Sociologia do Desenvolvimento, 31 linhas; Sociologia Urbana, 30 linhas, Sociologia, 24 linhas; Sociologia da Saúde, 19 linhas; Sociologia da Educação, 13 linhas (LIEDKE FILHO, 2001, p. 237).

Ao analisar as Sociologias específicas, Liedke Filho identificou, em 1997: 55 linhas de pesquisa em Sociologia do Trabalho; 26 linhas em Sociologia da Cultura; 17 linhas em Sociologia Política (p. 237). Há ainda um sério problema na classificação das pesquisas que se refere à questão da interdisciplinaridade e multidisciplinaridade. Uma mesma pesquisa pode situar-se em mais de uma disciplina, por isso a questão das fronteiras entre as ciências vem à tona quando se busca classificar as áreas do conhecimento.

Ao verificar os outros setores de atividades classificados pelo Diretório e analisar as áreas e subáreas de conhecimento, Liedke Filho (2001, p. 241-242) verificou que 17 linhas de pesquisas realizavam estudos sobre subjetividade, representações sociais e simbolismo; 15 linhas realizavam estudos acerca de cultura e 12 linhas de temas da Sociologia Política.

Com relação às palavras-chaves, tomando 40 grupos como amostra em um total de 149 grupos, o autor identificou como palavras-chaves mais mencionadas cultura (7), cidadania (7), movimentos sociais (5), trabalho (4). Com relação aos problemas de classificação e categorização presentes na coleta de dados acerca da produção sociológica, Liedke Filho (2001, p. 242) ressalta que “podem tanto ser indicativos da riqueza do espectro da pesquisa em

Sociologia, como também ser considerados um sintoma da crise de identidade e/ou da segmentação do campo acadêmico-científico da Sociologia no Brasil de hoje”.

Os dados ilustram que a Sociologia da Cultura é uma disciplina especial emergente com amplas possibilidades de crescimento, aproximando-se até mesmo da Sociologia do Trabalho, uma das subáreas mais tradicionais na sociologia contemporânea. Portanto, tais dados indicam em parte, sem especificar temáticas e pesquisadores, que os estudos culturais tiveram avanço na produção sociológica brasileira nas últimas décadas.

A emergência de estudos sobre representações sociais e identidades sociais, deve-se, em parte, a um processo de substituição da temática dos movimentos sociais por estes estudos, especialmente no contexto de sucessivas derrotas das forças populares, democráticas, movimentos de esquerda ao longo da transição democrática brasileira, começando com as campanhas pelas Diretas Já, eleições de 1989 e 1990. Concordamos com a hipótese de que

Com a perda de iniciativa dos movimentos sociais democrático-populares ao longo dos processos de redemocratização, enclausurando-se, a sociologia seguiu um caminho epistemológico e teórico-metodológico muito problemático, com o privilegiamento de abordagens micro-sociais e uma ênfase exacerbada na questão das identidades, das representações e do imaginário dos agentes sociais (LIEDKE FILHO, 2003, p. 239).

Pode-se ressaltar que houve, de fato, uma passagem na sociologia brasileira, dos anos 60 e 70 para os anos 90, de abordagens macro-sociológicas para abordagens microsociológicas. Trata-se da “passagem de análises macro-sociológicas de crítica ao modelo econômico-social, excludente do ‘milagre’ e de crítica ao modelo autoritário, para uma micro-sociologização dos estudos” (LIEDKE FILHO, 2003, p. 240).

O esquecimento da análise institucional na produção sociológica brasileira torna-se evidente quando se constata certa dissociação dos movimentos sociais em relação às questões macro-estruturais. Então, a sociologia brasileira passa a privilegiar as identidades e representações sociais do movimento sindical, dos movimentos rurais e urbanos, dos movimentos gay, dos movimentos feministas, dos movimentos ecológicos e do movimento negro.

A subjetivação dos estudos sociológicos, apontado por Rodrigues (2002, p. 50), significa a passagem do objetivismo para o subjetivismo, porém com perda de conexão entre as pesquisas

sociológicas e a situação macro política e econômica. Emerge uma safra de estudos micro, um empirismo exacerbado, em que a teoria recebe tratamento secundário. Portanto, o privilegiamento de pesquisas no âmbito da sociologia da cultura, com ênfase nas representações sociais, imaginário, discurso, experiências e identidade dos atores sociais tende a “psicologizar”, através da subjetivação das abordagens, a Sociologia (RODRIGUES, 2002, p. 50).

O que estamos chamando de “esquecimento da análise institucional” pode ser entendido como a perda da conexão teórico-metodológica entre as ciências sociais e a economia política (LIEDKE FILHO, 2003). Aqui está mais uma característica da sociologia da cultura brasileira emergente no final do século XX.

### **Temas da produção recente em Ciências Sociais (1980-2002): Antropologia e Sociologia**

Em artigo intitulado “Temas das Ciências Sociais”, publicado no *Boletim Informativo Bibliográfico* nº 17, Leôncio Rodrigues Martins (1984) apresentou um conjunto de dados referentes aos projetos de pesquisas apresentados à ANPOCS, em 1983, para concorrerem aos recursos oferecidos pela Fundação Ford. Nosso interesse aqui se restringe exclusivamente aos temas dos projetos.

A classificação dos projetos aprovados por área de pesquisa foi a seguinte: Sociologia (30% dos projetos), Antropologia (25%), Ciência Política (22%), História (11%), Sociologia Política (3%), Economia (3%). Os 9% foram preenchidos por projetos da Linguística, Direito, Psicanálise e Comunicação (RODRIGUES, 1984, p. 77). Os temas dominantes foram aqueles relacionados

[...] às camadas baixas, grupos dominados ou marginais ou algo pelo estilo: classe operária, classes populares, movimentos sociais urbanos, cultura popular que compreendem 32% dos projetos apresentados. Seguem-se depois os grupos étnicos ou minorias, Igreja, mulher, problemas agrários e movimentos políticos de esquerda, que tiveram mais de uma menção e que somados aos primeiros correspondem a cerca da metade. Esses temas foram geralmente focalizados do ângulo de sua atuação sobre a sociedade inclusiva ou da sociedade inclusiva sobre eles. [...] houve pouca preocupação pelo modo interno de funcionamento das instituições (por exemplo, formas de recrutamento dos membros, formação das lideranças, etc.) ou dos atores sociais tomados como objeto (por exemplo, estrutura interna e composição das classes

trabalhadoras, dos sindicatos ou dos movimentos sociais urbanos). Os temas relacionados aos grupos ou instituições dominantes ou relacionados às classes altas (por exemplo, empresários, Forças Armadas, etc.) atraíram o interesse de poucos pesquisadores (RODRIGUES, 1984, p. 77).

Rodrigues (1984, p. 78) apresenta a distribuição geral por temas dos projetos inscritos e aprovados da seguinte forma: Classe Operária (11%), Classes Populares, Movimentos Sociais Urbanos (3%), Cultura e Práticas Populares (8%), Grupos Étnicos ou Minorias Raciais (11%), Igreja Católica (3%), Comunidades Indígenas (3%), Problemas Agrários (3%), Esquerda Brasileira (3%), Participação Política (6%) e Outros (44%).

No quadro 1 o leitor pode verificar a distribuição dos projetos aprovados por tipo de tema:

**Quadro 1:** Distribuição dos Projetos Aprovados por Tipo de Tema

TIPO DE TEMA	NÚMERO DE PROJETOS
Fenômenos Culturais	07
Estudos de Comunidade	07
Levantamentos Históricos	06
Participação Política	06
Políticas Específicas	03
Levantamentos Bibliográficos	03
Economia Regional	02
Condição Feminina	02
Total	36

Fonte: Rodrigues (1984, p. 79).

O quadro acima indica que já no início dos anos 80 havia uma tendência evidente nas ciências sociais em pesquisar os temas culturais. Dos projetos aprovados junto à ANPOCS, sete enfocavam temas culturais (a maioria) junto com os estudos de comunidade, uma tradição nas ciências sociais brasileiras. Os estudos de comunidade também abordavam aspectos culturais. Basta lembrarmos a tradição destes estudos, que teve início com Antônio Cândido, Florestan Fernandes e outros. Se somarmos os estudos culturais com os estudos de fenômenos culturais, temos 14 projetos, algo próximo da metade dos projetos, o que é muito

significativo. A Sociologia e a Antropologia foram as disciplinas que mais aprovaram projetos neste ano. Isso também sugere que alguns estudos são inter e transdisciplinares, especialmente os que têm por objeto temas culturais e estudos de comunidade. Na verdade, parece que as fronteiras das ciências sociais são cada vez mais tênues, e muitos estudos poderiam ser classificados em mais de uma dessas áreas de conhecimento. O diálogo entre a Sociologia e a Antropologia tem sido muito freqüente nos estudos culturais, algo classificado por alguns autores como antropologização da sociologia (PENA, 1980, LIEDKE FILHO, 1993) e/ou como uma subjetivação dos estudos sociológicos (RODRIGUES, 2002, p. 50-51).

Os dados acima nos ajudarão a entender como e por que essa tendência se repetiu ao longo da década de 80 e nos anos 90. Passaremos a seguir à análise das linhas de pesquisas e temas principais da produção de ciências sociais realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de 1980 a 2002.

### A produção em ciências sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1980-2002)

Apresentam-se dados de um estudo sobre as principais temáticas estudadas no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP através do Catálogo Teses e Dissertações (1977-2002).

Toma-se como material empírico o catálogo de teses e dissertações para verificar quais as linhas de pesquisa que mais produziram trabalhos e os principais temas estudados. De 1977 a 2002 foram produzidos 257 trabalhos, entre teses e dissertações, na área de sociologia, abrangendo uma grande diversidade de temas. No período em análise, de 1980 a 2002, o catálogo registra 248 trabalhos em sociologia. Já a produção na antropologia, de 1977 a 2002, foi de 262 trabalhos, sendo que no período de 1980 a 2002 foram 254 trabalhos.

### As Linhas de pesquisa

O quadro 2 mostra o número de trabalhos de antropologia distribuídos por linhas de pesquisa do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

O critério de classificação adotado segue rigorosamente a classificação utilizada pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Nos resumos consultados aparece a linha de pesquisa a que cada trabalho pertence. O mesmo

acontece com a área de conhecimento.

**Quadro 2:** Linhas de Pesquisa em Antropologia – PEPGCS- PUC/SP

LINHAS DE PESQUISAS	ANTROPOLOGIA
Produção Simbólica e Reprodução Cultural	110
Materialidade, Ideologia e Vida Cotidiana nas Culturas Modernas	64
Instituições, Ideologias e Religiões	24
Mudanças Sociais e Movimentos Sociais	08
Dinâmica Urbano-Regional, Planejamento e Políticas Públicas	01
Total	154

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações PEPGCS – PUC/SP (1977-2002).

Como é próprio da antropologia, a maioria dos trabalhos concentra-se na linha de pesquisa “Produção Simbólica e Reprodução Cultural” (110), que abrange diversas temáticas ligadas à cultura, sendo justificável sua predominância, indicando que a antropologia é, por excelência, a ciência da cultura. “Materialidade, Ideologia e Vida Cotidiana nas Culturas Modernas” (64) é a segunda linha de pesquisa, em termos de número de trabalhos produzidos no período analisado.

Percebe-se que se trata também de uma linha de abrangência significativa, pois engloba pesquisas referentes aos aspectos culturais e materiais. No entanto, verifica-se que as pesquisas nesta linha não chegam a 50% do total de trabalhos da primeira linha. A terceira linha que mais produziu pesquisas é “Instituições, Ideologias e Religiões” (24). Esperava-se que esta linha de pesquisa apresentasse um número maior de trabalhos, pois envolve as dimensões da ideologia e da religião. A religião é, sem dúvida, uma das principais temáticas da antropologia desde sua origem. No entanto, deve-se ressaltar que as duas linhas anteriores também poderiam apresentar trabalhos referentes à religião. Mas, o que interessa destacar é a questão das instituições, pois uma das hipóteses que defendemos neste trabalho é que há um certo “esquecimento” da análise institucional nas ciências brasileiras nas últimas décadas. Fica evidente que a antropologia realmente tende a abandonar ou deixar de lado a conexão com a

economia política. A questão da mudança social e dos movimentos sociais recebeu pouca importância por parte dos antropólogos nesta universidade, pois somente 08 trabalhos foram produzidos nesta linha de pesquisa.

O quadro 3 apresenta os trabalhos produzidos na sociologia por linhas de pesquisa.

**Quadro 3:** Linhas de Pesquisa em Sociologia – PEPGCS- PUC/SP

LINHAS DE PESQUISAS	SOCIOLOGIA
Mudanças Sociais e Movimentos Sociais	101
Dinâmica Urbano-Regional, Planejamento e Políticas Públicas	51
Instituições, Ideologias e Religiões	32
Materialidade, Ideologia e Vida Cotidiana nas Culturas Modernas	24
Estado e Sistemas Sócio-Políticos	16
Produção Simbólica e Reprodução Cultural	10
Ideologia e Vida Cotidiana nas Culturas Modernas	03
Relações Internacionais	01
Total	248

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações PEPGCS – PUC/SP (1977-2002).

A maioria absoluta dos trabalhos concentra-se na linha de pesquisa “Mudanças Sociais e Movimentos Sociais” (101). Pode-se sugerir a hipótese de que a questão da mudança social, presente em diversas pesquisas e sob diferentes enfoques, continua sendo uma preocupação da sociologia nacional. O mesmo é claro, se pode dizer dos movimentos sociais. Esta linha de pesquisa comporta investigações acerca de questões culturais, especialmente dentro do enfoque “novos movimentos sociais”, que tratam de questões como identidades, imaginário e direitos de minorias. A segunda linha que mais produziu neste período foi “Dinâmica Urbano-Regional, Planejamento e Políticas Públicas” (51), seguida de “Instituições, Ideologias e Religiões”. Em quarto lugar aparece a linha “Materialidade, Ideologia e Vida Cotidiana nas Culturas Modernas” (24).

#### Os Temas na Antropologia e na Sociologia



A antropologia é uma disciplina das ciências sociais que oferece a complexidade da análise social sob diversos ângulos, o que possibilita estudos de caráter multidisciplinar. As tendências interdisciplinares oferecem oportunidades de se construir saberes complexos e desafiantes, envolvendo aspectos ontológicos e epistemológicos.

Sabe-se que, durante muito tempo, a antropologia era considerada uma disciplina secundária nas ciências sociais, da mesma forma que os estudos sobre cultura. Estes ganharam relevância nos últimos anos e a antropologia também sofreu modificações substanciais.

**Quadro 4:** Temas de Pesquisa em Antropologia – PEPGCS- PUC/SP

TIPOS DE TEMAS	ANTROPOLOGIA
Cultura, Imaginário, Cotidiano e Identidades Sociais	66
Religião	24
Teoria antropológica	22
Questões étnicas/raciais	20
Gênero/Feminismo	14
Juventude/Sexualidade	12
Democracia/Gestão pública/ Cidadania	11
Estado/Partidos/Políticas públicas	10
Educação	10
Meio ambiente	09
Movimentos sociais	08
Desenvolvimento/Mudança social	08
Cidades/Urbanização	07
Violência	07
Pobreza/Exclusão social	07
Trabalho	06
Questão agrária	05
Saúde	04
Globalização	01
Outros	06
Total	254

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações PEPGCS – PUC/SP (1977-2002).

O quadro 4 apresenta os principais temas de investigação na antropologia. Temos Cultura, Imaginário, Cotidiano e Identidades sociais como tema de 66 pesquisas. Trata-se de somente de

uma confirmação da antropologia como ciência da cultura, preocupada com o cotidiano. A religião (24) e a Teoria antropológica (22) são temas clássicos da antropologia. Cabe destacar que religião é um tema que também faz parte da agenda da sociologia. Questões étnicas e raciais (20) e os estudos sobre gênero e feminismo (14) aparecem como temáticas importantes na produção antropológica contemporânea.

Tratando especificamente da sociologia, considerando o mesmo período, encontramos uma produção de 248 trabalhos. A primeira linha do quadro 5 apresenta os temas mais estudados na sociologia no período analisado. O leitor percebe que cultura, imaginário social, cotidiano e identidades sociais são temas de 37 pesquisas de mestrado e/ou doutorado. É um número expressivo que pode ser tomado como indicador de um movimento mais amplo que aponta mudanças teórico-metodológicas na sociologia brasileira a partir dos anos 1980, e mais especificamente, uma guinada cultural da sociologia brasileira. Pode-se dizer que a sociologia tem se voltado cada vez mais para temáticas relacionadas à cultura e ao imaginário social. Nossa hipótese é a de que esse interesse cada vez maior pelos temas da cultura foi influenciado pelo “novo movimento teórico” (ALEXANDER, 1987) e por mudanças na conjuntura político-social a partir dos anos 80, decorrentes da redemocratização e do advento dos novos movimentos sociais (LIEDKE FILHO, 2003, 1999), o que implicou uma subjetivação dos estudos sociológicos (RODRIGUES, 2002). Na verdade, a importância dos temas ligados ao universo cultural na sociologia revela também um novo padrão de relações entre as disciplinas que estudam o comportamento social humano. Trata-se de uma redefinição de fronteiras entre a sociologia, a antropologia e até mesmo a psicologia. Talvez possamos denominar tal movimento de antropologização da sociologia (PENA, 1980) e psicologização dos estudos sociais (RODRIGUES, 2002). O certo é que o diálogo entre a sociologia, a antropologia e a psicologia se tornou mais evidente, mesmo que isso não implique a eliminação de fronteiras, pois ambas as disciplinas continuam com seus enfoques especiais. Importa destacar aqui é que é mais freqüente o uso de teorias e métodos da psicologia e da antropologia nas pesquisas realizadas pelos sociólogos. Isso tem contribuído para essa “guinada cultural”. Trata-se de um aspecto das “teorias débeis” (FOLLARI, 2004). No entanto, é de se lamentar o fato de que os jovens sociólogos não possuem treinamento suficiente para trabalhar com essa diversidade de referenciais. O resultado disso é o mau uso da psicologia e da antropologia, e

claro, uma pobreza teórica nas pesquisas sociais.

A guinada cultural das ciências sociais contribui para que os estudos culturais mantenham estreitas relações com a antropologia e com a comunicologia. Este movimento ainda se caracteriza pela proximidade com os movimentos sociais e com fatores extra mundo acadêmico (FOLLARI, 2004, p. 95).

O esquecimento da análise institucional é resultado do primado da microsociologia sobre a macrosociologia. Temos então muitos estudos localizados sem referência ao contexto mais amplo. Isso parece ser mais acentuado na sociologia da cultura. É consequência da perda da conexão entre as ciências sociais e a economia política (LIEDKE FILHO, 2003).

**Quadro 5:** Temas de Pesquisa em Sociologia – PEPGCS- PUC/SP

TIPOS DE TEMAS	SOCIOLOGIA
Cultura, Imaginário, cotidiano e Identidades sociais	37
Democracia/Gestão pública/ Cidadania	22
Estado/Partidos/Políticas públicas	22
Religião	20
Trabalho	14
Gênero/Feminismo	13
Movimentos sociais	12
Educação	12
Questão agrária	11
Desenvolvimento/Mudança social	10
Cidades/Urbanização	10
Pobreza/Exclusão social	10
Questões étnicas/raciais	09
Pensamento social	07
Violência	07
Juventude/Sexualidade	06
Globalização	05
Meio ambiente	05
Saúde	03
Total	248

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações PEPGCS – PUC/SP (1977-2002).

O quadro acima mostra que 22 trabalhos de pesquisa tratam de questões referentes ao Estado, partidos políticos e políticas públicas. Isso revela, algo contrário à nossa hipótese, que esses

temas tradicionais ainda ocupam uma grande parcela dos sociólogos brasileiros, e que a análise institucional continua presente, porém com sua importância declinando. Com este mesmo número de pesquisas, aparecem os temas relacionados à democracia, à gestão pública e à cidadania. Trata-se de uma perspectiva que é clássica na sociologia, e que frequentemente evoca a análise institucional, pois geralmente as funções das instituições são examinadas e suas relações com a cidadania. A temática da religião é expressiva na sociologia brasileira. O quadro acima revela 20 trabalhos que abordam os fenômenos religiosos. Em seguida, temos o trabalho com um tema clássico da sociologia, abordado em 14 pesquisas. Gênero/feminismo (13) e movimentos sociais (12). Com relação aos estudos sobre os movimentos sociais, concorda-se com Liedke Filho (2003, p. 240) ao afirmar que “ocorreu uma dissociação da abordagem dos movimentos sociais em relação a condições macro-estruturais, passando a sociologia a dedicar-se massivamente a focar as identidades e representações sociais dos movimentos urbanos e rurais, do movimento sindical, dos movimentos feministas e gay, do movimento negro, e dos movimentos ecológicos”.

Educação (12), questão agrária (11), desenvolvimento/mudança social (10), cidades/urbanização (10), pobreza/exclusão social (10) e questão étnica (09) formam um conjunto de temas importantes na produção sociológica contemporânea. É necessário frisar que praticamente todos estes temas são tradicionais na teoria sociológica, o que não revela algo novo no perfil da pesquisa social.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo das ciências sociais foi alvo de debates acerca da chamada crise das ciências sociais nos anos 80 e 90; com questionamentos sobre a crise de determinados paradigmas e teorias tradicionais, bem como debates sobre a orientação da recente produção sociológica. Trata-se da tão discutida crise de paradigmas e a emergência de novas perspectivas teóricas, muitas delas caracterizadas pela busca da multidisciplinaridade.

O que chama a atenção em muitas dessas novas abordagens é um ponto em comum: o destaque dado à cultura, mais especificamente, ao imaginário social. A ciência é vista, também, como uma prática social que mobiliza imagens, sentidos, linguagens, significados e que não se referem somente ao campo epistêmico da lógica ou do racionalismo empirista (VERLINDO, 2004, p. 9).

A citação ilustra parte do teor da nova produção sociológica, especialmente a tendência de abordar temas culturais. Ao investigar criteriosamente o movimento da sociologia brasileira em direção ao imaginário, Verlindo (2004, p. 9) constatou “que o surgimento da Sociologia do Imaginário expressou um retorno a tradições culturalistas, presentes na Sociologia européia e na norte-americana, que valorizavam a interpretação e as idéias dos atores sociais”. Segundo este autor, o processo que estamos denominando de “guinada cultural” da sociologia brasileira não é completamente novo, pois existe uma herança culturalista nas ciências sociais brasileiras, somente retomada a partir dos anos 80. Na verdade, a importância dada aos imaginários sociais deve-se às tradições culturalistas que influenciaram fortemente as teorias antipositivistas e antideterministas.

Verlindo não concorda com a hipótese da *antropologização da sociologia brasileira*, pois identifica tradições na própria sociologia européia e norte-americana que teria se ocupado do imaginário e de questões culturais da mesma forma que a antropologia que influenciaram no Brasil. Por isso, afirma que “os estudos sobre o imaginário não foram o resultado de uma invasão da Antropologia, mas do resgate de correntes sociológicas que haviam permanecido pouco conhecidas no Brasil e que não eram hegemônicas em seu país de origem” (VERLINDO, 2004, p. 10).

A tradicional sociologia da cultura brasileira, sustentada no positivismo, evolucionismo, funcionalismo e marxismo mudou de orientação teórico-metodológica nas últimas décadas do século XX, aproximando-se da sociologia hermenêutica e fenomenológica.

Não temos dúvidas de que o individualismo, o holismo, o realismo e a fenomenologia contribuíram para essa guinada culturalista da sociologia. As tradições teóricas originadas dessas correntes, tais como as empírico-individualistas, sistêmico-funcionalistas, interpretistas, estruturalistas e pós-estruturalistas e relacional-estruturalistas também convergem nesse movimento de culturalização da sociologia.

Os estruturalistas se voltaram para a construção das estruturas socioculturais. Funcionalistas se descuidaram da ação social, de seus marcos simbólicos e da capacidade de transformar a vida dos atores sociais. Por outro lado, os autores interpretistas se voltaram para a ação social, porém menosprezaram a análise institucional. Não se preocuparam com fenômenos estruturais.

No Brasil, as críticas às teorias totalizantes direcionaram-se à teoria da modernização e ao

marxismo. Tal reação significou o retorno de alguns sociólogos aos temas como modos de vida, rituais, mentalidades, mitos, símbolos, festas etc. Esta reação parece se fundamentar na tradição interpretista da sociologia. A nova sociologia da cultura no Brasil, na década de 80, passou a pesquisar temas como: representações sociais, imaginários, cotidiano, papel dos atores, discursos, aproximando-se da antropologia e da psicologia social.

Sintetizando, podemos afirmar que, a partir dos anos 80, um conjunto de sociólogos brasileiros abandonou alguns pressupostos dos paradigmas positivistas, deterministas e objetivistas, que haviam dominado a teoria sociológica brasileira em momentos anteriores, e passa nem a se dedicar aos estudos da subjetividade, representação, cotidiano, imaginário e ação humana nos processos sociais, retomando a tradição “interpretista”. Uma nova concepção de cultura é colocada em discussão: ao invés de lago acabado, toma-se como cultura e como objeto de pesquisa como as pessoas criam a cultura em suas ações e representações. Importa agora explicitar como os atores sociais atribuem significados aos seus atos. Nossos sociólogos expressam espírito romântico ao se voltarem para os estudos do cotidiano, subjetividade, imaginário, valores em detrimento de teorias macro-explicativas (consideradas por eles de simplistas, reducionistas, frias, dominadoras, redutoras etc).

Vimos que o atual imbricamento entre teoria social e a cultura configura um quadro bastante obscuro para a produção sociológica contemporânea. Certamente, esse quadro se deve basicamente a dois elementos: (a) mudanças na estrutura da sociedade, o que altera a comunicação entre a sociologia e sociedade; (b) a configuração da teoria sociológica em relação à teoria social, que parece uma extensão da teoria cultural. Esse dois aspectos são importantíssimos para se entender o atual estado da teoria sociológica.

Conclui-se que é evidente a necessidade de uma renovação da análise institucional na sociologia, pois somente um empreendimento desta natureza nos permite penetrar efetivamente as falhas do pós-estruturalismo e do pós-modernismo. Considera-se que sociologia necessita demarcar suas fronteiras em relação aos “novos produtores culturais”. Do contrário, continuará perdendo espaço para o campo jornalístico e cultural de um modo geral, pois, como vimos, as ciências sociais fazem parte de um espaço em que se trocam comercialmente o saber e a cultura. É cada vez mais evidente a influência do mundo midiático e da cultura de massas na academia, e claro, na produção sociológica. Trata-se de uma

das mais sérias razões da atual guinada cultural na sociologia brasileira.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, J. O novo movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, jun. 1987.

\_\_\_\_\_. Science, sense and sensibility (review essay). **Theory and Society**, v. 15, 1987b.

ALEXANDER, J.; COLOMY, P. El neofuncionalismo hoy: reconstruyendo una tradición teórica. **Sociológica**, México, v. 7, n. 20, 1992.

ALEXANDER, J; SEIDAM, **Culture and society: contemporary debates**. New York: Cambridge University Press, 1988.

CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

COLLINS, R. On the Microfoundations of Macrosociology. **American Journal of Sociology**, v. 88, 1981.

DIAS, F. C. Estudos culturais: a tradição sociológica. **Sociedade e Estado**, v. 8, n. 1-2, jan-dez, 1994.

FERNANDES, F. **A Revolução burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FIGUEIREDO, W. de M. Condições sociais de produção de conhecimento científico. **Sociedade e Estado**, v. 6, n. 1, jan-jun. 1991.

FOLLARI, R. A. Expansión de los estudios culturales y su constitución en objeto de estudio (sobre críticas, autoelogios y paradigmas autocríticos)". In: FOLLARI, R. A., BISTUÉ, N.; YARZA, C. (Coord.). **La proliferación de los signos: la teoría social en tiempos de globalización**. Rosário: Homo Sapiens, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teorías débiles (para una crítica de la deconstrucción y de los estudios culturales)**. Buenos Aires: Homo Sapiens, 2002.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. Brasília: UNB, 1963.

FRIEDRICHS, R. **A sociology of sociology**. New York: Free Press, 1970.

GIBBONS, M. et al. **La nueva producción del conocimiento (la dinámica de la ciencia y la investigación em las sociedades contemporâneas)**. Barcelona: Pomares-Corredor, 1997.

GIDDENS, A. Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção da cultura. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Novas regras do método sociológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Positivism and sociology**. London: Heinemann, 1974.

\_\_\_\_\_. **Capitalism and modern social theory**. New York: Cambridge, University Press, 1971.

HUNT, L. The sacred and the French Revolution. In: ALEXANDER, J. C. (Ed.). **Durkheimian sociology/ cultural studies**. New York: Cambridge University Press, 1987.

KNORR-CETINA, K.; CICOUREL, A. (Ed.). **Advances in social theory and methodology. towards an integration of micro and macro-sociology**. London: Routledge and Kegan Paul, 1981.

KREPS, G. Classical themes, structural sociology and disaster research. In: DYNES, R. R.; PELLANDA, C. (Ed.). **Sociology of disasters**. Gorizia, Italy: Franco Angelli, 1987.

IANNI, O. **Sociologia e sociedade no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

JAMESON, F. **El giro cultural**. Buenos Aires, Manantial, 1999.

\_\_\_\_\_. **El posmodernismo o la lógica cultural del capitalismo avanzado**. Buenos Aires: Paidós, 1992.

LAMOUNIER, B. Pensamento político, institucionalização acadêmica e relações de dependência no Brasil. **Dados**, v. 23, n. 1, 1980.

LEPENIES, W. **Las três culturas: la sociología entre la literatura y la ciência**. México: FCE, 1994.

LIEDKE FILHO, E. D. Sociologia brasileira: tendências institucionais e epistemológico-teóricas contemporâneas. **Sociologias**, a. 5, n. 9, jan./jun. 2003.

\_\_\_\_\_. A Sociologia no diretório dos grupos de pesquisa do CNPq 1993-1997. In: BAUMGARTEM, M. (Org.). **Era do conhecimento: matrix ou agora**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sociologia Brasileira: tendências institucionais e epistemológico-teóricas contemporâneas**. Porto Alegre: UFRGS, 1999. (mimeo)

\_\_\_\_\_. **A interdisciplinaridade: perspectivas desde a**

sociologia. UFRGS – IFCH, publicação comemorativa 50 anos filosofia e ciências humanas 1943-1993. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

MACIEL, M. L. Tendências das ciências sociais no Brasil: do autoritarismo à redemocratização. **Ciências Humanas**, Brasília, 1986. (Série sociológica).

MAINES, D. Social organization and social structure in symbolic interactionist thought. **Annual Review of Sociology**, v. 3, 1977.

MICELI, S. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil 1930-1964. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, out. 1987.

\_\_\_\_\_. **Temas e problemas de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo/Rio de Janeiro: Sumaré/FAPESP/Fundação Ford, 1992.

MOUZELIS, N. **Sociological theory: what went wrong?** London: Routledge, 1985.

ORTIZ, R. Advento da modernidade? **Lua Nova - Revista de Cultura e Política**, n. 20, 1990a.

\_\_\_\_\_. Notas sobre as ciências sociais no Brasil. **Novos Estudos Cebrap**, n. 27, jul. 1990b.

\_\_\_\_\_. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PENA, M. V. J. Fontes pouco convencionais na sociologia brasileira: uma avaliação da produção recente. **Dados, Revista de Ciências Sociais**, v. 33, n. 1, 1990.

\_\_\_\_\_. Uma nova sociologia? **Dados, Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 1, 1980.

POSSAS, L. A possibilidade do criticismo hoje: intelectuais, mídia e políticas culturais no Brasil.

QUEIROZ, M. I. P. Cientistas sociais e o auto-conhecimento da cultura brasileira através do tempo. **Cadernos CERU**, São Paulo, n. 13, set. 1980.

\_\_\_\_\_. Ainda uma definição do ser brasileiro? **Ciências Sociais Hoje**, n. 1, 1981.

REIS, E. P. Impasses e desafios à teorização na sociologia contemporânea. Natureza, história e cultura: repensando o social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre: UFRGS/SBS, 1993.

RODRIGUES, F. X. F. A guinada cultural da sociologia brasileira no final do século XX: psicologização da sociologia? subjetivação dos estudos sociológicos? Uma “nova” sociologia da cultura? **Revista Perspectiva**, URI, Erechim, v. 26, n. 94, jun. 2002.

\_\_\_\_\_. **Por uma sociologia do pensamento social brasileiro**. Mossoró: UERN, 1999.

\_\_\_\_\_. Temas de ciências sociais. **Boletim Informativo Bibliográfico**, n. 17, 1984.

SANTOS, W. G. A imaginação político-social brasileira. **Dados**, Rio de Janeiro, n. 2/3, 1967.

SEIDMAN, S. Beyond presentism and historicism: understanding the history of social sciences. **Sociological Inquiry**, v. 53, 1983.

SEWELL, W. Ideologies and social revolutions: reflections on the French case. **Journal of Modern History**, v. 57, 1985.

SKOCPOL, T. Rentier State and Shi'a Islam in the Iranian Revolution. **Theory and Society**, v. 11, 1982.

SOUZA, M. T. S. R. **Análises sobre o pensamento social e político brasileiro: o que se deve ler em ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1987. v. 2.

VALLADARES, L. P.; SANT'ANNA, M. J. G. (Org.). **O Rio de Janeiro em teses: catálogo bibliográfico 1960-1990**. Rio de Janeiro: Urbandata (IUPERJ)/CEP – Rio (UERJ), 1992.

VERLINDO, J. A. S. **O imaginário social na sociologia Brasileira contemporânea (1984-1993)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

WAGNER, P. Crise da modernidade. A sociologia política no contexto histórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 11, n. 31, 1996.

WAGNER, D.; BERGER, J. Do sociological theories grow? **American Journal of Sociology**, v. 90, 1984.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

UNIVERSIDADE PARANAENSE

PÓS-GRADUAÇÃO

STRICTO SENSU

# MESTRADO EM HISTÓRIA

(MODALIDADE MINTER UNIPAR/UFPR)

RECOMENDADO PELA CAPES

Área de Concentração:  
História, Cultura e Sociedade

Linhas de Pesquisa:  
I-Espaço e Sociabilidades  
II-Cultura e Poder



Informações:

[www.unipar.br](http://www.unipar.br)

Secretaria de Pós-graduação *Stricto Sensu*

•Francisco Beltrão Tel: (46) 3520-2800

•Umuarama Tel: (44) 3621-2828

Ramais 1350/1285

